Trans-versalidades: psicanálise, gênero e teorias queer

344 - agosto de 2024

Entrevista

Entrevista com o psicanalista Pedro Ambra

Alexei Conte Indursky; Gerson Smiech Pinho; Correio APPOA

Isadora: Gostaríamos de começar te agradecendo, Pedro, pela disponibilidade em falar conosco. Obrigada em nome da APPOA e especialmente em nome do Correio APPOA. Agradecemos também ao Gerson e ao Alexei por terem aceitado construir esta entrevista.

Pedro Ambra: Obrigado vocês, pela honra do convite da APPOA, que eu acompanho esporadicamente, mas acompanho há muito tempo.

Isadora: Passamos a palavra agora para vocês, e a gente vai compondo juntos.

Alexei: Fizemos um roteiro semiestruturado, mas acredito que podemos ir jogando, e vocês também, Isa e Janniny, fiquem à vontade para irem nos ajudando e encadeando as questões. Eu fiz uma proposta. Agradeço novamente tua disponibilidade, Pedro, para estar trocando conosco, da APPOA, sobre essa interface da psicanálise e gênero. Foi muito bacana o encontro de dezembro do ano passado_,_ e eu achei que foi muito bom te escutar, pois além de tu trazeres toda a importância de fazer uma revisão da nossa epistemologia psicanalítica, para lermos as transformações nas relações de gênero, também chamou a atenção para pensarmos essas transformações nas suas interseccionalidades. Ou seja, de que se nos ativermos somente a uma certa discussão, entre psicanálise e gênero, podemos reproduzir certos sintomas coloniais, que excluem ou sequer levam em conta tramas sociais e raciais produzidas pelo neoliberalismo e o neofascismo no sul global. Então pensei que poderíamos retomar essa sequência também ao longo do curso da nossa conversa aqui. O que te parece?

Pedro: Acho bom! Eu não vou conseguir não falar sobre essas questões.

Alexei: Vou começar com uma questão que acredito ser bem introdutória e ampla. Quero te endereçar uma pergunta de cunho mais formativo – e por que não metodológico? – para quem está dentro da área da pesquisa: como ler as obras de Freud e Lacan no século XXI? Na tua tese, *O ser sexual e os seus outros*_,_tu fazes uma aposta que me parece importante: colocar Lacan a interrogar a si mesmo. Ou seja, nos convida a refletir sobre o que, da vasta obra e pensamento de Lacan, é cristalizado pela *doxa*, reproduzindo formas estanques de pensar e transmitir a experiência, e o que, por outro lado, resta esquecido e ou recalcado por gerações de leitores e analistas seguintes. Como sustentar um olhar crítico e ético para os textos clássicos da psicanálise que permita seguir engendrando aberturas e interrogações frente ao nosso tempo, sobretudo questões e interrogações no campo das relações de gênero?

Pedro: Tão simples, porém tão complexa! Eu acho que tem um primeiro pressuposto na pergunta que precisa ser esmiuçado, pois ele não me parece evidente ou simples, que é o pressuposto de *ler*. Não importa como, mas ler. O exercício de sentar e abrir um texto, ou ver no celular ou no computador. Muitas gerações tendem a vê-lo como natural ou óbvio. Claro, é como compreendemos um dos tripés da psicanálise. Mas é algo que, a meu ver e ao de alguns colegas, tem se colocado como um desafio em si para as gerações mais jovens. O trabalho com o texto, por conta de muitas transformações do ponto de vista social, tecnológico e assim por diante.

Então, fazer alguém ler de cabo a rabo uma lição de um seminário de Lacan ou algum texto de Freud já é um mérito. Pode parecer que não, por conta da formação que temos, mas acho que começa a convidar as pessoas que estão entrando em um percurso clínico ou estão em formação. Ler já é uma questão em si. Ela é preliminar, mais importante do que o "como ler". Eu, e não somente eu, mas talvez uma formação universitária um pouco mais próxima da filosofia, com um tipo de pensamento crítico, somos convidados a ler um autor com alguma pergunta, ou contra alguma coisa. A ideia de tratarmos Freud e Lacan como um texto sagrado, ou como uma bíblia – crítica que o Paul Preciado já fez – é um ponto para tomarmos cuidado. Ou seja, não me parece que seja possível fazer uma boa leitura, uma leitura fria ou estrutural dos textos canônicos, e tirar dali puramente um direcionamento clínico. Me parece uma ilusão, e acho que isso nunca aconteceu, nunca foi o caso. Pode ser que isso fosse feito e outras coisas entrassem em consideração e não fosse percebido, mas o nosso momento histórico impede que isso seja feito. Então, a leitura e o estudo de textos dessa área da psicanálise é, no mínimo, bífido, porque estou lendo, tentando captar o que estaria em jogo no ímpeto da transmissão de quem escreveu ou falou algo – é verdade –, mas ao mesmo tempo eu lerei isso contra um problema que a princípio é meu, como um problema clínico, ou um problema político, teórico ou social. Essa forma de encarar a teoria é híbrida ou mestiça, se quisermos usar esse significante trabalhado pela Gloria Anzaldúa. Mas isso ainda é bastante geral. Para aterrissarmos nas especificidades e dificuldades, na seara do gênero, algumas passagens de fato são problemáticas (como os limites do complexo de Édipo), outras são geniais (o caráter inerentemente plástico da pulsão ou a vinculação de uma identificação sexuada ao Outro e ao discurso) e outras são simplesmente erradas (como conceber a "homossexualidade" — termo bem *démodé*, diga-se de passagem — como uma perversão); outras são inertes (um tanto paradoxalmente, defendi na tese que as fórmulas da sexuação referem-se a outros problemas que não o gênero, por exemplo). Não necessariamente é possível construir uma grande teoria da sexuação onde todas as publicações de Freud e Lacan se encaixem em um *grand finale*. Eu não acredito nisso. Justamente porque a teoria responde a problemas específicos. Mas esse ponto é muito importante, principalmente falando da perspectiva de quem apresenta o texto, pensando em graduações e também em alguns espaços de psicanálise. Se não conseguimos, a partir de nosso acúmulo, pegar uma determinada passagem e dizer simplesmente "isso está errado, isso não se verificou clínica, política e epistemologicamente", e "as críticas em relação a essa passagem e a esse conceito são tais", acho que estamos fazendo um mau trabalho. Porque por mais que nós, discursivamente, ou do ponto de vista do enunciado, possamos colocar limites ou dizer que a psicanálise está à altura de sua época, do ponto de vista da enunciação nós não fazemos isso. Não conseguimos colocar limites em nossos próprios autores. E sabemos, é uma questão quase estrutural do sujeito psicanalítico: para você ter desejo, ou potência, você precisa ter castração; é uma conta meio simples. Então, para os nossos autores terem uma potência de atualidade, eles precisam ter limites. Isso ajuda e nos faz conversar com problemas e questões da contemporaneidade desde outro lugar. Por fim, eu também diria que a leitura de textos clássicos pode ser feita de uma maneira disciplinar, quando a fazemos de uma maneira pura e com certos limites, e pode ser feita de maneira interdisciplinar. Por exemplo: leio algo e vou comparar a noção de sexuação de Lacan com a performatividade de Butler. Mas ela pode ser lida de maneira *indisciplinar* – como ouvi dias atrás da Profa. Mariana Peixoto, da Federal de Uberlândia –, ou seja, é possível que leiamos os textos dissolvendo algumas fronteiras disciplinares, e aí é algo um pouco mais radical. Estava lendo Theodor Adorno, e ele fala, em *Introdução à Sociologia* (1968), que toda vez que se espreme a teoria do sujeito de Freud, você encontra o social. Lá, no mais recôndito do inconsciente, você vai encontrar algo da ordem do social ou do coletivo. Existem alguns autores e autoras que conseguem sacar isso e produzir coisas muito interessantes. Um exemplo desses autores que está mais na ponta da língua para nós aqui no Brasil é Lélia Gonzalez. Ela usa a psicanálise de maneira indisciplinar. Se lemos com frieza lacaniana alguns dos usos que ela faz de

conceitos, podemos dizer que está errado. Não se pode usar o conceito de sujeito para pensar um país, mas ela diz “posso sim”. O que acho bonito disso é que às vezes são as pessoas de fora do campo psicanalítico que conseguem levar as hipóteses psicanalíticas às últimas consequências. No caso da Lélia, por exemplo, a ideia que estava no final de *Mal-estar na Cultura* (1939), de que uma sociedade é neurótica, ou a própria ideia lacaniana de que o sujeito é um espaço entre dois significantes. Agora, por fim, completando o ciclo: disciplinar, interdisciplinar e indisciplinar. Acho que é um risco, por conta dos tempos em que vivemos de muito acirramento e de temperatura muito alta, literalmente; de acharmos que também, por outro lado, tudo precisa ser subversivo.

Aliás, Bruno Latour em *Jamais fomos modernos* (1994), diz que essa é uma característica do próprio saber da modernidade: queremos sempre ter a crítica na ponta da língua, dar a última palavra de radicalidade e desconstrução, mas com isso esquecemos de muitas zonas cinzentas. A psicanálise surfou muito nessa onda. Trabalhei isso há alguns anos no texto *A psicanálise é cisnormativa: palavra política, ética da fala e a questão do patológico.* Ela [a psicanálise] gosta de se colocar como subversiva; em certa medida ela de fato o é, mas ao mesmo tempo, no Brasil, em especial no campo da psicologia, temos dificuldade de entender que ela é hegemônica, do ponto de vista da teoria do sujeito. Isso deveria nos levar a uma espécie de reflexão, para entendermos qual a responsabilidade que se tem enquanto analistas que produzem, saindo não do ponto de vista clínico, mas do teórico, a partir dessa posição. E convidar as pessoas a terem contato com esses textos, também a partir não tanto dessa radicalidade e subversividade, do querer estar na crista da onda do que é mais desconstruído etc, mas um pouco de uma humildade – e a clínica ajuda bastante nisso – que é simplesmente ler o texto e ver o que dá para tirar dele, sem grandes expectativas de que terá um texto que resolverá toda a questão de um caso clínico, ou todo um problema filosófico ou teórico. Acho que essa espécie de valorização do ler, e do texto, é um outro jeito de não levar Freud e Lacan tão a sério. Tem um jeito de mais enfrentamento e de tensão, mas existe um outro que é ir lendo e deixar ser afetado de um outro modo. É uma outra maneira de diminuir esse lugar muito solar que os autores da psicanálise tendem a ocupar. Teria um último aspecto, que acho que não vou entrar, mas podemos desdobrar em outras questões, que é o territorial. É importante pensar não somente em conceitos, mas em uma leitura localizada. Não só no Brasil, mas principalmente nos problemas que enfrentamos territorialmente – os problemas que o *setting* clássico tende a universalizar. Mas quando abrimos a psicanálise para uma possibilidade de uma escuta um pouco mais ampla, ou não restrita, incluir o lugar do território na própria maneira que lemos um texto também pode dar aberturas que são, a meu ver, muito profícuas. Estou trabalhando em um texto sobre isso, em co-autoria com Clarice Paulon, que deve ser publicado daqui há alguns meses.

Gerson: Muito bom poder estar aqui dialogando de novo contigo, Pedro. Pensei em uma questão sobre o conceito de sexuação, porque tu fazes toda aquela retomada do conceito e introduz essa parte do seminário 21, que é muito pouco citada, comentada, lida classicamente pelos comentadores de Lacan quando falam da sexuação. Depois tu vais fazendo todo o trabalho de retornares aos textos iniciais da obra, traçando mais esse tema pensando no campo da autorização, do reconhecimento, da alteridade. E da importância do grupo para pensar a sexuação. A questão que me vem é se, de algum modo, poderíamos pensar, a partir daí, uma nova conceituação do termo sexuação, porque classicamente ele é pensado na dimensão do gozo e de como a posição do sujeito na linguagem estabelece um certo lugar em relação ao gozo, e acho que tem um lugar muito marcado incluindo o conceito de identificação. E gostaria também de te perguntar sobre o conceito de identificação e identidade, porque tu colocas isso no teu livro, mas acho que é um tema interessante para poder desdobrar mais. A relação entre esses dois termos, identidade e identificação, e como nessa conceituação da sexuação isso entra em causa.

Pedro: O meu objetivo, o que me inquietava, era um uso da sexuação clássico, tal como concebido ali [em Lacan], principalmente a partir das fórmulas da sexuação no seminário 20. Isso, a meu ver – como eu já tinha trabalhado no mestrado – é riquíssimo do ponto de vista de uma crítica interna do Lacan à sua própria leitura estruturalista, a uma certa posição do lugar do analista, a uma outra forma de pensar RSI. É um momento da teoria muito feliz, não à toa um dos mais comentados. Mas acho que paradoxalmente, e acredito que tem até uma certa beleza nisso, ele não servia para falar de gênero. Eu acho que tem um percurso um pouco análogo de Freud em relação à sexualidade. Ele parte com questões do sexual na teoria da histeria e de repente descobre um universo do inconsciente. As fórmulas da sexuação, em um estrato muito menor, têm algo disso. Lacan parte, em certos momentos, de capturas imaginárias acerca do que é homem e mulher, mas isso também tinha a ver com experiências de pessoas que ele ouvia e de pontos da cultura europeia. Por exemplo, São João da Cruz, a estátua do Êxtase de Santa Teresa, referenciado inclusive na capa do seminário 20.A partir dessa baliza, desses exemplos, digamos que ele decorre uma teoria da não identidade, uma teoria da crítica da possibilidade de identidade, pensando em um não-todo *versus* todo. Mas no que isso ajuda na reflexão sobre gênero? A meu ver ajuda menos do que em outros pontos da teoria lacaniana. Então fui pro seminário 21, para tentar recolocar a significação desse termo, sexuação. O próprio Lacan faz isso, ele nem cita sexuação no seminário 20, ele vai falar de sexuação no seminario 21. Minha ideia era levar Lacan a sério. Mas não só isso, porque fui me dando conta, depois da tese, que a minha forma de encarar a leitura da psicanálise é indissociável da história. Em dois sentidos: no sentido do que a história produziu e continua produzindo como psicanálise – a História – e também a história do sujeito. Que também é um tema lacaniano lateralizado, e ele fala bastante disso no texto *Função e Campo da Fala e da Linguagem*,e em outros momentos da obra. Mas tendemos a lateralizar por conta do império da estrutura. Isso para a clínica é muito importante. A clínica é, entre outras coisas, um exercício historiográfico. Mas a sexuação em sua forma clássica das fórmulas me parece impenetrável à história. Porque a função dela é discutir ontologia, não tem como fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Então a ideia de se autorizar por si mesmo e alguns outros é algo que me permitiu reintroduzir uma dimensão de processualidade e, em certa medida, de tensões históricas. Porque, para nós modernos, a história é a única, é uma contra-ontologia. A gente está preso em uma forma de funcionamento. Não era assim antes, e talvez no futuro não vá ser assim, mas de maneira geral nas humanidades temos poucas ferramentas para criticar a unicidade, para criticar o estatuto das coisas como idênticas, senão na história. Isso vale na epistemologia, mas isso vale na clínica também. A gente apresenta o sujeito para outras formas de ele se narrar, pontos que ficaram presos na maneira pela qual ele olha para seu próprio passado. E essa dimensão da processualidade, muito depois da tese fui me dar conta, que é muito importante também para psicologia social e para a saúde coletiva, do ponto de vista teórico e da intervenção, pensando por exemplo na resposta brasileira à AIDS e o giro sanitarista que trouxe os direitos humanos para dentro do campo da Saúde. Eu tinha essa formação, com a grande Profa. Vera Paiva, mas ela havia ficado um pouco mais no *background*. Não tinha me dado conta do quanto isso me marcou. Minha tentativa foi pensar em trazer uma outra forma de criticar identidade, se quisermos, mas a partir desse arco processual de um lado; do outro lado, de um tipo de teoria que conversa com a minha clínica, mas sobretudo com a maneira pela qual eu compreendo os processos políticos ligados a gênero e sexualidade, como sendo dimensões coletivas. De novo volto ao Adorno: cada vez que se aproxima daquilo que seria uma concepção monadológica de indivíduo em Freud, a gente vai reencontrar um modo de produção, inclusive uma coisa meio doida. Ele fala que o Freud “dá de barato” que nós temos necessidades, ele parte da questão da necessidade, fome, sexualidade, e começa o argumento por aí. Adorno fala que isso é um efeito do fato de vivermos numa sociedade de classes que não consegue prover tudo para todo mundo. Então a base de onde o Freud começa a conversa do individual, o Adorno encontra o social, o social dele, pelo menos, de base materialista. Eu acho que isso não está somente na base, mas também nas entranhas do processo de constituição do eu, do sujeito, que a Butler tem razão, ele é incontornavelmente sexuado, ou generificado. Não tem como pensarmos um sujeito antes de sua sexualidade, do ponto de vista estrutural, para nós da psicanálise, é verdade, mas também do ponto de vista do reconhecimento social. Daí a ideia de que os gêneros não inteligíveis ameaçam o que se considera “o humano”. Por isso, a Butler também é uma autora que pensa o inumano. E a mesma coisa eu acho que vale para essa distinção entre identidade e identificação. Uma ressalva antes, nós na psicanálise tendemos a ver a coisa assim: a psicanálise pensa em termos de identificação, ela é contra identidade, e o

“pessoal do gênero” quer identidade. Só que essa é uma forma tacanha de ver o outro e projetivamente tacanha de vermos a nós mesmos. Por quê? Porque o debate sobre identidade e seus limites é fartamente documentado em todo o pensamento de gênero e pós-colonial, no mínimo desde Fanon. As pessoas estão pensando isso de maneiras muito interessantes e avançadas, inclusive. Mas o fato de ficarmos em nosso cercamento analítico não permite conversarmos com essas críticas de outro lugar. Agora voltando especificamente para a psicanálise: Por que, para a gente, a identificação é mais interessante? Porque ela mostra o processo de produção da identidade. Isso do ponto de vista tanto da constituição do eu, um tema clássico em Freud, quanto de um outro momento muito bonito do uso da psicanálise por outro campo de conhecimento, que é o da identificação da heterossexualidade melancólica da Butler. Ela lê um trecho de *O ego e o id* (1923), que a gente passa batido, que é do eu ser formado por meio de objetos abandonados. Ela politiza isso. Então a identificação é interessante, pois pode dizer algo a respeito de um certo aspecto mais imaginário da formação do sujeito. Mas existe também uma identificação simbólica e no limite até uma identificação no real, pelo menos no ensino lacaniano isso aparece. A gente pode olhar para a identidade como uma cristalização, uma escrita sobre determinadas formas de identificação. O que é o processo de análise? Entre outras coisas, é decodificar aquilo que é dado como único, como cristalizado e fechado, e mostrar que existe uma história ali, não necessariamente para a pessoa abrir mão da sua identidade, mas para ela entender o que há e haveria de contingência, desejo, impossível nisso que a fantasia constitui, essa forma muito fixa e fechada de se ver assim. Para concluir, o que é interessante da identificação? A espessura processual, a espessura da tensão etc, mas isso não quer dizer que não possamos fazer isso na identidade em si, e existem muitos teóricos que fazem isso. Paul Ricoeur, com Identidade-idem, Identidade- ipse, mostra que é um caminho aberto, mas historicamente temos boas razões para mantermos a identificação. No caso da tese, eu usei identificação na qualidade de método, numa forma de como ler uma obra tão vasta quanto a de Lacan. Então me guiei pela identificação. Para concluir, e agora posso falar sobre essas coisas porque já passou muito tempo, o meu projeto inicial era continuar no mestrado e não deu certo: eu queria propor uma noção negativa de identidade na psicanálise, então eu apresentei isso e a resposta era de que a psicanálise trabalha com identificação, de que não se falava sobre identidade. E foi uma coisa meio tática, pensei que se não falasse em identificação eu não seria ouvido. Eu tô falando de gênero, mas eu usei identificação dessa maneira específica. Pensar a tensão entre identidade e identificação é mais interessante do que falar que identificação é bom e identidade é dos identitários.

Alexei: Queria te escutar um pouco mais sobre a dimensão da autorização (de si e de alguns outros). Esse parênteses que tu trouxeste tem um testemunho sobre o que é o processo de autorização também. Para ele acontecer, ele precisa ser ouvido primeiro. Então achei muito legal isso que tu trazes na tua tese, essa dimensão que tu recuperas de uma proposta lacaniana. Queria que tu falasses um pouquinho mais dessa dimensão da autorização de si – que raramente a gente utiliza para falar de um processo de sexuação – e por alguns outros, apontando para essa dimensão coletiva. E que pudesses falar um pouco também a partir do cotidiano na clínica. Como esses achados da teoria também foram refluindo na tua forma de trabalhar a clínica. Como tu foste escutando a dimensão da autorização e da não autorização? Dimensões da vergonha, do armário, da não representatividade, de não ser escutado, como isso foi se apresentando na tua clínica?

Pedro: Vou começar pela questão clínica. Eu topei com a questão da autorização por conta de um convite para escrever um texto clínico, inclusive sobre formação do analista, na época em que tinha acabado de começar a atender. Acabado não, fazia uns 3 ou 4 anos. Meu grande amigo Rafael Alves Lima organizou um livro chamado *Clinicidade - a psicanálise entre gerações*, cujo mote era que analistas jovens escrevessem e analistas mais experientes comentassem. Eu estava pesquisando masculinidades, numa "fita" bem acadêmica, e acabei continuando nela, mas me convidaram para escrever alguma coisa sobre autorização. Minha clínica sempre foi – do ponto de vista do número de pessoas que atendo, muito reduzida. Eu atendia duas vezes por semana, quando muito três. E aí para ver essa questão da autorização, eu caí no Seminário 21. Eu estava discutindo a questão da autorização, e naquele momento, eu percebia que minha autorização enquanto analista passava, e continua passando, talvez hoje, em um lugar diferente, por laços de camaradagem, de café na cozinha do consultório, para falar dos casos. Tinha supervisão, tinha tripé, mas a liga não era dada pelo tripé, na minha experiência de formação e autorização. Quando você vê o outro falando de seus erros, ou você vê o outro no começo da clínica, você sempre vai buscando o "certo" ou "errado"? Estou sendo analista ou não estou sendo analista? Isso é uma coisa que eu me lembro, mas que também percebo nas supervisões, e essa possibilidade de você comparar o seu fazer... não é comparar, comparar é uma palavra ruim, muito imaginária. Você testemunhar mutuamente os outros fazeres e as outras rampagens de alguns outros, dá uma espécie de autorização, não no sentido vertical do tipo "agora você é um analista, então atravessou a fantasia, objeto a caiu etc". É uma autorização no sentido de estar todo mundo no mesmo barco. Mas cada um tá nesse barco de uma maneira levemente diferente, e é bom que assim seja. Inclusive, materialmente meu consultório era geminado com o consultório de outros colegas que se formaram um ano antes, e era uma galera mais da escola inglesa. Então os cafés e as festas que a gente fazia – e a gente fazia muita festa no consultório – tinham essa dimensão que era muito rica. Isso é formação? Não é, mas isso fala de uma territorialidade, de uma afetividade que a meu ver é incontornável, no meu exercício, na minha história. Então eu não tinha tanta consciência disso quando eu escrevi o texto, que chama *Garantia, autorização e alguns outros*, no qual eu critico esse ideal de escola lacaniana. Então eu entendi, e isso foi algo que eu escrevi,[3] mas eu não tinha a materialidade da experiência. Concordando com o que eu escrevi lá atrás, o analista que autoriza não é o mesmo analista que é autorizado. Ou seja, você recolhe coisas da sua clínica, e de repente retroativamente você entende por que determinada intervenção foi feita, ou determinada postura foi tomada ou não foi tomada. Uma das formas de pensar o "autorizar-se por si mesmo" é que são dois "si": o si e o mesmo. Essa divisão do lugar do analista me parece muito interessante, e ela pode ser pensada pela via da história: eu era um analista de um jeito, agora sou analista de outro. Mas acho que no próprio movimento da intervenção, da interpretação ou do corte, isso está presente. No meu caso, isso era pautado por uma grupalidade, e só hoje, depois de 13 anos atendendo, eu tenho um pouco mais de notícias de algumas articulações entre teoria e práxis. É uma coisa que eu falo em supervisão, que de fato você tem uma dimensão do tempo, que é decantar alguns outros, não mais no sentido dos pares, mas "outros" no sentido de vários analisantes que você vai recebendo, ou de várias coisas que você ia fazendo no automático e que não fazem mais sentido. Acho que existe uma heterogeneidade inclusive no que a gente chama de outros, e só agora depois de tantos anos eu sinto que eu consigo falar algumas coisas sobre o que eu faço, ou articular conceitualmente. Do ponto de vista profissional, eu sinto que eu sou um analista muito "feijão-com-arroz", e eu gosto disso, eu me sinto ainda um pouco amador e eu quero manter isso na minha clínica, o que é diferente de como eu me vejo intelectualmente na universidade. Essa foi, ou melhor dizendo, continua sendo a minha forma de me autorizar, me valendo um pouco dos percalços da história. É verdade mesmo a vulgata que circula entre analistas: aprendemos mais nos casos em que a gente erra a mão, ou acha que errou a mão. Em alguns casos até o analisante volta e a gente não sabe porque! Todos esses descompassos compõem um quadro interessante, pelo menos para mim, de que é possível se enxergar analista, por mais que seja uma coisa meio impossível você falar de como você é analista, pois é uma contradição. Lacan fala isso na Proposição_, sobre a ideia de autorização na IPA, que inclusive já mudou em certa medida o seu fazer. Ele estava querendo insistir que, por conta da análise, e do fim da análise mais especificamente, haveria um momento em que você *drop the mic* e se tornaria o analista, com a queda do objeto a. Mas ele falava isso num contexto em que a IPA dominava, um contexto de alta formação burguesa, daqueles que acompanhavam seus seminários, quando uma galera de 50/60 anos nem se dizia, nem se

autorizava analista. Nesse contexto, dizer que o analista se autoriza por si mesmo tem um efeito, mas você, no Brasil de 2024, neoliberal e com cursos de psicanálise de 6 meses, tem outro efeito. Aí é uma bucha, uma marimba, melhor dizendo, que a gente tem que segurar sem recursos ao passado, no meu entender. O que acontece no Brasil em termos de transmissão da psicanálise, de ebulição da psicanálise, da situação da psicanálise na cultura, da penetração dela nas universidades, assim por diante, é sem precedentes. Mas ainda é sem precedentes o momento de acirramento da luta de classes e de uma ventoinha de discurso neoliberal que, a depender de como a gente escuta, também pode falar que todo mundo se autoriza por si mesmo. Então esse tipo de cruzamento era imprevisto pelo Lacan e pela psicanálise, e eu acho que é uma forma ruim de compreender. Se a gente falar para ler o Lacan “direito”, ele não estava falando de autorização nisso. Estava falando de queda do objeto a. Esperar todo mundo fazer análise até o objeto a cair, atravessar a fantasia — ou o “fantasma”, como querem os francófilos —, nadar de braçada no não-todo para daí começar a atender, é risível. Isso não vai acontecer. É ignorar a materialidade do tempo, é ignorar a materialidade do território e é ignorar a potencialidade que a gente tem de conceber um tipo de formação e um tipo de análise que conversa com os desafios da nossa época e do nosso país, porque o Lacan estava fazendo isso com os desafios da época e do território dele. Então para, no mínimo, se dizer lacaniano, a gente tem que copiar não o imaginário do dito, mas a estrutura do fazer e do dizer**,** que é se valer das contradições do tempo para propor alguma coisa. Ele [Lacan] foi revolucionário por conta disso. No meu entender uma das dificuldades que nós temos, para além do contexto complexo em si, é que é mais fácil fazer isso impetuosamente e de forma personalista. Fazer isso coletivamente, ou se a gente quiser ousar um pouco essa aproximação de maneira mais “aquilombada”, ou no mínimo coletiva,é algo que vai exigir mais reflexão, mais trabalho, e vai exigir que a gente desça do Olimpo da poltrona e do divã para um tipo de terra, de um laço social, de um retorno a uma conversa com a psico. Na verdade, não é um retorno porque a gente nunca deixou de conversar, a gente achou que sim, mas esteve sempre lá. É de um lugar de mais humildade com a posição. Todos os momentos em que isso acontece, eu acho que a gente tende a ganhar para, enfim, construir um solo comum de como a gente vai pensar a formação hoje, e eu to só falando do ponto de vista conceitual do que vai ser uma formação. Nem comecei a descer para as questões de democratização da psicanálise.

Alexei: Voltando para essa questão dessa autorização de si, do analista para o ser sexual, como é que é tu tens encontrado ecos, como isso foi reverberando na tua clínica? Justamente com questões da sexuação, questões do ser sexual, melhor dizendo.

Pedro: Do ponto de vista clínico, eu acho que no meu fazer eu acabei reencontrando a sexualidade, de uma maneira, no dito, mais freudiana do que lacaniana. No sentido de que as misturas entre identificação e desejo são muito intensas, e eu estou dizendo isso porque eu acho que um outro desafio que a gente tem é re-erotizar a teoria lacaniana, porque no Freud isso estava posto, ainda que do jeitinho dele, mas, a depender de como a gente lê a teoria lacaniana em alguns espaços de transmissão, ela é uma teoria que codifica muito o sexual, o tesão, a coisa. Digamos que, do ponto de vista da minha prática, eu não persigo a autorização, eu não faço da autorização um horizonte de análise. Ela pode ser o resultado, o processo de o sujeito se haver com os seus descompassos, com as maneiras pelas quais ele/a/u se vê frente a um determinado grupo, o que a pessoa espera de si, aquelas coisas que são bem básicas da clínica mesmo. Gramáticas de reconhecimento, de lugar do afeto, lugar do corpo, assim por diante. Eu acho que são esses outros aí, e estou falando de maneira bem genérica, não estou falando só do pequeno outro. Estou falando dessas pequenas coisinhas, pequenos grãos narrativos do fazer clínico que, a partir do momento em que eles aparecem numa certa forma de constelação para a pessoa, permitem a ela navegar um pouco melhor pela própria história. Eu tendo a achar que a autorização decorre daí. Claro que você tem momentos em que há determinados passos, como sair do armário; antigamente tinha isso, hoje em dia tem menos no nosso contexto. Mesmo assim, ele não é um momento que em si marca um antes e um depois. Ele marca, mas ele é também antecedido de vários outros ensaios de autorização, digamos assim, e ele segue reverberando para depois disso. Entre outras razões, porque o que a gente retroativamente pode chamar de autorização num contexto de sexuação também é lido no *a posteriori*. A pessoa faz uma coisa, se vê de um determinado lugar. Por exemplo, a primeira vez que a pessoa pegou um formulário e marcou um gênero diferente daquele que ela vinha marcando antes. São coisas que talvez não tenham a aura magnânima de uma autorização, mas eu acho que é esse dia a dia da clínica paulatino, que constitui transformações de longo prazo. Eu sou assim, em alguns momentos quase meio vitalista. Acho que tem uma dimensão de uma lógica do biológico, que o Hegel usava para falar do processo dialético, que é a flor desabrochando. É difícil marcar qual o momento que a flor desabrocha exatamente. Então eu acho que a autorização é um pouco o veículo a partir do qual o tecido que determinadas retificações subjetivas, para usar o termo lacaniano, podem ir acontecendo. E o analista testemunha, pontua, convida a curvar alguns espelhos, quando muito. Mas isso é o que eu, com um pouco de uma questão tática e prática, vou vendo acontecer na clínica. Eu não parti disso para escrever a tese, porque eu escrevi a tese com pressa, com 1 ano e meio, 2 anos. Eu não tinha maturidade para juntar essa questão mais teórica da sexuação e do gênero com a maneira pela qual isso acontece na clínica. Nem sei se isso é possível. Algumas pessoas conseguem fazer isso, mas é pouca gente. Eu acho que a materialidade em jogo ali na autorização de si e alguns outros, num contexto de sexuação, estava mais ligada a movimentos sociais, o LGBTQIA+, aí eu acho que tem um tipo de materialidade que conversa de maneira mais direta com isso. Mas em relação à clínica, é um limite meu, mas também acho que um limite de imaturidade minha enquanto analista, que eu gostaria de manter até o meu último analisante. Não quero fazer esse grande casamento entre teoria e clínica, não. É muito totalitário.

Alexei: Sim, eu acho que tem que ser isso também, por isso que eu falei de reverberações, de ecos. Porque se a gente sair com todas as peças do quebra-cabeça montado, tem alguma coisa aí que vai dar errado. Mas acho massa quando tu começaste a falar dessa questão da autorização, que tu não buscas isso como um fim. Isso me faz um gancho interessante, porque de repente isso começou a existir muito, as psicoterapias positivas, “saia do armário”, “encontre a sua felicidade”, LGBTQIA+, enfim, isso de repente começou a virar certo discurso prescritivo, dessas psicoterapias que querem ser *pra frentex*, progressivas...

Pedro: Você tem toda razão, só que qual é o nosso risco? O nosso risco é ocupar a outra ponta, ou seja, a gente não dar nenhuma resposta, a gente ser só negatividade, botar a pessoa num balde de angústia e esperar decantar e cair o objeto a. Eu sempre repito isso: funciona mais para candidatos a analista. Mas você tem, mesmo para esses, efeitos potencialmente muito nefastos. Isso não quer dizer que o analista deva ser aquela pessoa que dá respostas, que dá ideias. O Lacan interpreta a primeira sessão do [caso] *Homem dos ratos*, do Freud (1909-1910), de maneira a dizer que Freud entrou na resistência do homem dos ratos, é muito interessante essa passagem. Ele está dizendo que para gente começar um tratamento, a gente tem que dançar um pouco na música da pessoa, e essa ideia de dança não é um termo do Lacan, eu que tô colocando porque acho mais fácil de

entender assim. Essa ideia pressupõe momentos em que a gente deixa uma determinada identificação constituir, ainda que seja subvertida depois. O Lacan dizia isso em relação a supervisionandos dele, ele falava para “deixar eles fazerem o que quiserem”, que estava tudo ótimo, então [digo isso] só pra gente não fazer o contrário. Porque é também essa hiper negatividade que cria esse fantasma do analista lacaniano. No fundo ele é um ideal de homem também, e ele só pode ser sustentado por determinados tipos de pessoas, de classe social etc.
Era verdade no contexto lacaniano, mas ele estava lá no território dele fazendo o que precisava. Quando vem para cá, é difícil aceitar, mas não quer dizer que encontrar outras formas de ocupar a função do analista é precisar virar *coach*. Longe disso, mas tomar o cuidado porque a gente sabe, pela lógica especular, que o anti-*coach* é também um *coach*. Só que como diz o Alysson Mascaro, o psicanalista que não está atento à política vai se tornar um *coach* de rico, um *coach* da desconstrução não-todista, então me parece também meio ruim.

Gerson: Pedro, acho muito interessante e importante sublinhar e destacar isso que tu estás trazendo, essa questão, essa lembrança que tu trouxeste do comentário do Lacan a respeito do início do tratamento no homem dos ratos. Nessa possibilidade de se deixar tomar um pouco pela identificação, de poder mergulhar na transferência propriamente dita. Lembrei que em algum momento mais no início tu falavas que tu foste ao seminário 21 em função disso, que é a valorização do imaginário, porque é um seminário em que o Lacan vai trabalhar muito. Ele já havia introduzido o nó borromeu antes, mas ali é onde ele vai efetivamente mergulhar nisso também, e fiquei pensando nesse tempo da obra do Lacan onde os três registros entram nessa condição de uma certa equivalência, e da importância do Imaginário ganhar um estatuto de paridade com o simbólico e o real, que acontece nesse momento. Clinicamente, as questões que tu estás trazendo agora, eu acho que encontram um certo eco nesse momento da obra de Lacan, nesse momento mais final.

Pedro: Sim. Eu, como vocês estão vendo, sou crítico em relação a algumas passagens da obra do Lacan, mas se tem uma coisa que de fato eu não abro mão, inclusive para pensar questões políticas, é da tríade real, simbólico e imaginário [RSI]. Essa aí de fato eu acho muito operativa para a clínica, e não só. É uma alternativa melhor mesmo à metapsicologia, porque ela suspende a questão de dentro e fora, dá para fazer muitas coisas. Eu acho muito brega aquela galera que fica pirando com os nós, mas a ideia de real, simbólico e imaginário como amarrados, e até depois do lance do quarto nó, eu estou achando muito interessante. E uma forma boa de ver isso é na supervisão, porque, no fundo, a gente convida as pessoas que buscam a gente, enquanto supervisor, para fazer uma espécie de balanço, de rebalanço da escuta. Onde a pessoa está vendo muito real, muito horror, muita repetição, muito não sentido, a gente se questiona sobre haver uma estrutura simbólica ali, além de questionar se isso não se relaciona com coisas mais estruturais do caso, da linguagem. Ou, ao contrário, a pessoa está vendo muito complexo de Édipo em tudo, objeto a, grande Outro barrado. Mas peraí, [será que] não tem uma questão imaginária aqui importante? Ou esse ponto aqui, é de não sentido ou será que ele não desafiou essa estrutura trazendo alguma coisa mais do real? É um exercício que não é uma complementaridade, mas são de limites recíprocos na clínica. Inclusive porque nesse retorno ao imaginário, no final da obra de Lacan, outra coisa acontece, e isso é um tema que merece pesquisa mesmo. O Lacan nomeadamente em “A terceira” aproxima imaginário e corpo, e isso tem consequências, porque a gente comumente tende a aproximar o corpo do real, a pulsão, o desejo. E o Lacan não, não nesse momento. Isso permite complexificar o imaginário, porque a própria lógica do estádio do espelho tem real, simbólico e imaginário. Ela tem a imagem do espelho, ela tem o outro que sustenta, tem o espelho, a própria linguagem. Ela tem o regozijo da criança, então é isso que vale para a supervisão. E, também, só que de maneira nunca didática, mas do ponto de vista da nossa escuta pros casos clínicos, em momentos que a gente tá muito convencido de que aquilo é uma formação imaginária e que a pessoa tem que atravessar aquela identificação.
Cabe se perguntar qual o significante que estaria “dando as cartas” para aquela configuração estar daquela forma, ou o que a gente deixa de escutar se a gente vê um discurso só sob essa lógica do imaginário. A teoria borromeana é interessante porque ela evita uma binariedade clínica, no sentido de que eu não acho que um bom horizonte de análise é você ficar automaticamente só apontando o furo nos discursos do sujeito, porque é claro que todos os discursos do sujeito vão ser imaginários, não tem outra forma da gente escutar, essa é a “brisa”. A gente erra achando que a gente está numa posição de real ou de simbólico, que daí a gente consegue ouvir. No fundo, essa era a crítica que o Lacan fazia à ideia de psicologia profunda: a gente não está nessa posição, a gente opera tal qual, mas ela é estruturalmente impossível. Então se a clínica fosse só um exercício de apontar atos falhos, duplicidade de significante e criticar asserções imaginárias, toda vez que o sujeito fala “eu sou isso, eu sou aquilo, você é aquilo”, e você termina a sessão, isso o ChatGPT faz. Não precisa de analista para isso. O nosso trabalho é um pouco mais fino, e por quê? Porque ele inclui dimensão da história, ou seja, aquilo que está sendo enunciado ali é efeito do quê? Efeito do que na transferência? Efeito do que na história do sujeito? Esse tipo de articulação é mais complexa, e ela pressupõe uma aposta do analista também na intervenção, então acho que o RSI ajuda a balancear o tom das intervenções. E é central colher esses efeitos sempre considerando a espessura transferencial, mesmo de maneira muito sutil, muito light.

Alexei: Tu falaste do estádio do espelho, e agora bem a título de associação livre aqui: uma das coisas que, para mim, lendo a tua tese, mais influenciou na clínica foi aquele capítulo sobre o estádio do espelho sexuado. Aquilo ali, para mim, foi um baita achado teu, a ideia de que uma imagem especular pode fazer a função de sexuação. Fazendo toda articulação RSI não só pela dimensão do imaginário, mas também por uma dimensão de suporte real e de uma certa autorização que tu vais recuperando no texto do comentário do Lagache, fazendo essa ida e vinda entre o texto do estádio do espelho e o comentário depois. Como que isso na clínica foi aparecendo? Uma das coisas que se vulgarizou muito na discussão sobre a questão trans, ou a questão sobre as cirurgias de mudança de sexo é a de que o grande sofrimento de muitos seria essa ideia de que é preciso fazer a cirurgia de redesignação sexual quando, na verdade, muitas vezes é através de dimensões do semblante que há maior sofrimento cotidiano.

Pedro: Eu acho que tem um exercício da gente ficar lendo e relendo os textos de Lacan à luz de outros textos, então nesse caso eu acho que, para mim, eu tentei explicitar algo que apareceu na

minha leitura. Ler o *Estádio do espelho* depois do seminário 21 teve esse efeito para mim. Eu adoro os textos do começo do Lacan, os textos dos anos 30, eu acho muito interessante porque eles dão uma salvada num grande abstracionismo que o Lacan vai caindo depois. Agora, o que você tá falando tem uma outra dimensão, que é: eu acho que na época eu era muito cheio de dedos para falar de algumas coisas, porque era uma tese. Mas esse discurso hoje em dia de que transexuais, pessoas com "transexualismo", querem tocar o real do corpo por meio de cirurgias é pura discriminação.

Porque os analistas que dizem isso nunca trocaram 5 minutos de ideia com uma pessoa trans. Ainda mais se considerar o que é isso no Brasil, a questão travesti, e [esses analistas] nunca abriram um texto que discute o lugar do corpo e da política a partir de reflexões de pessoas que estão vivendo e de fato pensando nisso. Pensem assim: o lugar do corpo na puberdade ou na adolescência é lido pela psicanálise de um jeito completamente diferente. Os hormônios da puberdade, que bonitinho; o despertar da primavera, comentário do Lacan, a saída do período de latência do Freud. Por que a gente olha para esse momento de constituição subjetiva de forma a incluí-lo no que é esperado no percurso normal de constituição do sujeito? Por que ele entra na nossa teoria desse lugar? A resposta é muito simples: porque os analistas foram socializados de forma a olhar para isso e ver naturalidade, e olhar para pessoa trans que toma um hormônio e falar que é o capitalismo entrando no corpo da pessoa, que é a " epidemia trans" . Mas a coisa é relativamente simples, é falta de circulação dos corpos de analistas em outros espaços e discursos. Não é algo que eu acho que se resolve na teoria pura e simplesmente. Eu acho que tinha essa ilusão, e alguns ainda a tem, de que a clínica é um lugar em que você toca o mundo diretamente, é a única forma de ver o mundo. No Freud não é assim. O Freud não tratava a clínica desse lugar tão recortado assim. Ele mistura exemplos clínicos com exemplos que ele viu de amigos, por exemplo. Se a gente ler o Freud friamente, ele faz um *pout pourri*. Ele se vale do lugar social dele e de experiências que ele tem pessoalmente. Alguns dizem que Freud tinha uma escrita feminina na interpretação dos sonhos, que ele inclui a dimensão da experiência própria dele, análoga à de Virginia Woolf e outras que estavam produzindo nesse lugar. Isso cria um corpo teórico tal qual ele nos apresenta. A gente escreve a partir de onde estão os nossos pés e o nosso coração. O fato de que os textos dos lacanianos são "todos iguais", significa que eles estão em um solo muito pobre. Na universidade, por exemplo, a gente separa: ensino tá aqui, pesquisa aqui e extensão lá embaixo. Mas quando você vai ler o que a galera que tá na extensão, no território e na atenção básica tá produzindo e pensando, se você leva aquilo a sério fica pequeno pra quem tá fazendo "só" a questão teórica, porque ela funciona naquele sistema fechado, mas não necessariamente com um tipo de clínica, um tipo de escuta, de materialidade que brota do chão pra quem quiser beber dessa água. Mas é necessário um certo desprendimento de algumas camadas coloniais, especificamente francesas, que a gente tem em relação à teoria para poder fazer isso, porque, voltando à questão de gênero, ouvir relatos de violência contra mulher em casas de acompanhamento para mulher ou centro de referência da diversidade trans e travestis no centro de São Paulo, é um tipo de "demanda" que, se a gente for buscar um sujeito do inconsciente tal como ele é codificado e como apresenta o que é a fala e a associação livre para gente, você não vai achar. É necessário levar a noção de sujeito, de associação livre, no limite às últimas consequências, e isso é um tipo de autorização. No momento em que você consegue dar esse passo, não tem como voltar atrás, porque o mundo fica muito mais interessante, a clínica fica muito mais interessante e a teoria também, ela pode florescer mais.

Isadora: Pedro, como tu vês o avanço, vamos chamar assim, dessas discussões ou dessas mudanças, em relação a outras formas de leitura que tu falaste no início, nas instituições psicanalíticas? Porque às vezes a gente olha algumas coisas e pensa: “aqui tem uma porta aberta”, “aqui a gente conseguiu avançar”, mas às vezes parece tão duro, parece que a gente retrocede. Como que tu tens visto isso especificamente nas instituições psicanalíticas?

Pedro: Eu não tenho dados de fonte primária, porque nem dá para dizer que eu participei de instituições. Foi muito pouco tempo em uma e outra. Esse texto que eu falei que escrevi (*Garantir a autorização e alguns outros*) era uma forma da gente, enquanto grupo, poder dar a ver aos outros os nossos impasses e reflexões. Porque naquele momento a gente não contava, por uma questão de desejo e de escolha, estar dentro de uma instituição de formação em psicanálise, porque estávamos na universidade, mas não em instituições de psicanálise. Então não consigo testemunhar nada em primeira mão, não participo desse tipo de vivência, a minha vinculação institucional primária é a universidade e, secundária, é o partido político. Tem outra forma de funcionamento, inclusive. E até acho que as escolas se beneficiaram um pouco em conhecer outras estruturas institucionais, mas não estamos prontos para essa conversa! Eu recebo de analisantes, de colegas e supervisionandos, [notícias sobre] alguns efeitos das instituições. Classicamente as instituições tendem a narrar a si mesmas como espaços que transmitem a psicanálise e que cada vez mais no Brasil vão aceitando as questões de diversidade, tanto do ponto de vista teórico e tanto, em algumas, do ponto de vista da sua institucionalização, pensando por exemplo em ações afirmativas. E vão fazendo discussões teóricas sobre isso, convidam algumas pessoas etc. Só que, sendo instituições de psicanálise, elas tendem a se constituir de forma a acreditar que alguma coisa da psicanálise funciona nelas; ou seja, que teriam espaço para o não-saber, para o inconsciente. Em geral, tendem a ser instituições, pelo menos no discurso, que têm aberturas. É uma boa aposta das instituições. Só que ela tem um limite, e ela tem um limite, porque, por mais que as instituições de psicanálise tentem fazer isso, elas ainda sim e acima de tudo, são instituições. Se decorre que a grande parte de qualquer instituição na nossa sociedade tem como função a manutenção do *status quo*. Toda instituição serve para isso, universidades e o Estado, principalmente. Uma instituição serve para reproduzir um certo modo de funcionamento social, e isso tá lá no Silvio de Almeida, naquele belo livrinho sobre o racismo estrutural. O Silvio tem uma base marxista, então ele entende que as instituições reproduzem um modo de funcionamento social, e isso vale para as instituições de psicanálise. As instituições de psicanálise, quando vão pensar o funcionamento institucional em geral olham para os seminários. Elas não olham para quem discutiu o que é institucionalidade, e isso traz problemas, porque a gente lê mais hoje em dia sobre questões de gênero, raciais, para isso a gente até está aberto. Agora, pensar o que é uma instituição, como ela funciona, o que é democrático, o que é abertura, e todo esse tipo de coisa, a gente faz baseado nos nossos autores. Eu não acredito particularmente que tem uma teoria da institucionalidade no Freud. No Lacan é muito capenga, e ele estava respondendo aos problemas territoriais dele da França. Então esse me parece um grande ponto cego. A autora Jo Freeman, no belíssimo texto *A tirania das organizações sem estrutura*, estava naquele momento tratando de direitos civis americanos e lá estavam os anarquistas. Com todo respeito, mas tem uma coisa perniciosa que acontece em organizações, nas instituições, e estou falando mais de instituições lacanianas que não tem uma verticalidade tão clara como as ipeístas: quando você não enuncia a hierarquia, ela retorna no real, digamos assim. Porque você começa a perceber que você tem um grupo de elite, e a autora [Jo Freeman] tem uma bela definição de elite, que é quando trabalho e amizade se juntam. Ou trabalho e laço social. A Maria da Conceição Tavares em um vídeo que circula, fala que os caras que têm poder não precisam de burocracia, não precisam de hierarquia, de dizer quem manda. Porque [eles] resolvem no jantar. Eles resolvem em espaços de sociabilidade próprios. Eles nem sabem que estão fazendo isso, eles estão decidindo ali. Aí começa a voltar para a questão do partido. Quem precisa de uma clareza, de uma forma de funcionamento institucional, é quem está embaixo. Quem precisa dominar a burocracia e ter critérios claros de entrada e saída, de quem pode falar e quem não fala, é quem está embaixo, e isso vale para tomada de poder. Quem tá em cima, quanto mais obscura, quanto mais “do real” for a organização, melhor.

Isadora: Sim, ela inclusive fala, neste vídeo, que o povo não participa desses jantares.

Pedro: Não participa, a estrutura de poder não dá espaço. Em escala menor, é uma outra forma de

criticar o individualismo. Não é que nas instituições de psicanálise as pessoas que têm mais senioridade – o próprio Lacan criticava isso, chamava de gerontocracia –, que elas acordam de manhã e falam “vamos manter as coisas como estão, transmitir a psicanálise de sempre, não deixar entrar as discussões de raça e gênero etc”. Não é isso, não é uma questão moral ou intencional. Para algumas pessoas talvez, mas para a maioria não. Mas é que a estrutura institucional pressupõe isso. Essa sempre foi a minha admiração pela APPOA, ainda que a visse de longe. Ela me parecia uma instituição que saudava esse tipo de circulação. Mas as instituições, todas, têm seu limite. Voltando à questão do vitalismo, tal como o sujeito, a instituição que consegue instaurar novas normatividades a partir dos seus padecimentos dá mostras de saúde, mas eu acho que para isso acontecer ela precisa ter um funcionamento mais claro e uma discussão sobre institucionalidade. Por exemplo, quem está “batendo cabeça” com isso atualmente? São as clínicas públicas. O Augusto Coaracy está fazendo um doutorado sobre essa questão. As clínicas públicas precisam desse debate, porque não querem ter um modelo clássico de instituição, mas percebem que ficar naquela coisa da horizontalidade também não vai funcionar. E quem que ensinou isso? Ensinou, por exemplo, o ciclo de protestos 2011-2013. No meu trajeto político, particularmente, acreditei – e acho que não fui o único – na organização horizontal das pessoas e deu errado, não tinha uma discussão de como pegar essa energia e dar um salto qualitativo.

Alexei: Acho muito interessante que no prefácio do texto do Gabarron-Garcia, *Uma história da psicanálise popular*, o Christian Dunker dá uma cutucada na própria organização das clínicas populares hoje em dia no Brasil. Elas também estão tendo que se haver com a sua própria hierarquia, se pretendem revolucionar. Achei essa colocação dele interessante.

Pedro: É fato, mas tem uma diferença delas em relação às escolas, pois elas estão em contato com um território, com um problema novo. Na psicanálise, porque fora a galera já se deu conta disso. Mas claro que isso faz a gente reler o passado de outros lugares, nas clínicas públicas, que é um pouco o percurso que o Gabarron faz. Só que nesse gigantismo que é o Brasil, e com essa potência, é uma coisa de fato única e inédita. E começa esse tipo de aproximação, especialmente a esquerda, que já é pautada pela questão materialista, mas também pelas questões de raça e gênero. Eu acho que é um baita laboratório.

Isadora: É muito caro para o Lacan o tema das mestrias nas instituições, e talvez a gente deva pensar como isso acontece hoje. Porque não nomear as hierarquias não faz com que elas deixem de existir. A gente precisa lidar constantemente com essa força que se impõe de alguma forma, que tende à unicidade e que está a serviço das resistências também.

Pedro: E lembrar que as instituições são um campo de disputa político. Se a gente fica se defendendo analiticamente disso com um "você não foi suficientemente analisado", é ruim, mas no caso do Freud e do Lacan, especificamente, me desculpem, eles foram muito autoritários! Freud é evidente, Lacan é um pouco mais insidioso. Eu não tenho certeza de onde eu ouvi isso nem se é verdade, mas Lacan, enquanto estava vivo, teria estado presente em todos os cartéis de passe. Ele, a figura dele! Usar isso, saber disso, e achar que a estrutura do passe funciona de maneira formal é muita ingenuidade. É não testemunhar o princípio básico de funcionamento, é ignorar a espessura psicanalítica mesmo, o que é que significa ter ali uma figura de autoridade. Essa batata quente é um pouco nossa: como que a gente vai coletivamente dar conta dessas diferenças de poder e saber dentro das instituições considerando que, como em qualquer instituição, quem tem mais percurso e acumulou mais, tem coisas interessantes para transmitir, e que o fogo da juventude não tem. Mas esse é um problema que não é específico da psicanálise. Esse *shift* é um problema social grande, é o que diferencia Lévi-Strauss em sociedades quentes e sociedades frias. É uma grande questão antropológica, inclusive. Onde está o saber? Está do lado dos anciãos, ou está do lado de quem constrói a história com perspectivas de futuro e transformação?

Janniny: Pedro, queria comentar que achei bem importante o convite que tu nos fazes para ler os textos. Tu inicias hoje falando sobre isso e também sobre ler os textos de maneira indisciplinar ou indisciplinada, e eu lembrei de algo que ainda não tinha feito a relação e acho que te escutando eu pude abrir o pensamento. Tem uma autora que se chama Maria Gabriela Llansol, ela fala sobre o "sexo de ler", ela vai trazer a ideia do "espaço libidinal da leitura". Eu fiquei pensando nisso que tu falas sobre re-erotizar as leituras, e que quem se debruça a pensar a transmissão, ou estar em espaços como a universidade, vai percebendo uma forma de ler que talvez esteja muito diferente, talvez mais rápida, sem tanto tempo para isso que é do *eros*. Lembro da Anne Carson, que escreveu um texto ótimo, que é *Eros: o doce-amargo*, onde ela vai trabalhar um pouco a escrita e a linguagem, um letramento através desse espaço libidinal da leitura. Tu trouxeste várias relações para pensar algo sobre esse "sexo de ler". Te agradeço muito.

Pedro: Esse é um tema em si, muito interessante. Porque muita coisa foi dita sobre isso, especialmente a partir dos anos 70, com o feminismo francês. O Lacan estava lá, ele não inventou esse negócio de letra da cabeça dele, tava rolando no cenário intelectual dali, mas isso era muito trazido também pelas feministas, com a galera que tinha uma proposta de escrita feminina e outro tipo de erotização, outro tipo de pensar política também, inclusive. Mas eu falei um pouco sobre a questão da leitura com o texto, e desse desejo pensando a transmissão, pensando que, para a galera mais nova, parece mais difícil, num geral, poder ter uma relação erótica com o texto, se a gente puder levar essa a aproximação às últimas consequências. Também compreender o caráter polimorfo e, portanto, diferencial de como cada um vai entrar num texto. Esse é um outro desafio das instituições, elas vão transmitir alguma coisa que foi acumulada, mas, ao mesmo tempo, o legal, o tesudo, é que cada pessoa goze do seu jeito com um determinado trecho de um texto. Eu lembrei que aconteceu uma coisa engraçada ontem:estou no fim do semestre e estou com muita coisa para entregar, precisava preparar uma aula de um tema que eu já dei várias vezes e eu tava travado, não tava conseguindo fazer algo que era simples. E muito inquieto, não estava fazendo exercício físico, meio esquisito. E aí eu entrei, não sei por quê, na mala direta da editora Ubu. Vi que chegou um livro, desci na portaria, fui pegar e era esse aqui: *O prazer censurado: clitóris e pensamento*, de Catherine Malabou. Eu olhei e achei interessante, só que a leitura ia ficar para, sei lá, 2030. Mas eu abri o livro e li a primeira página, e de repente li o livro inteiro em duas horas. Mergulhei, é muito bom, recomendo, porque ela vai pensar o que é a relação do clitóris com o pensamento. Vai passar dos antigos, vai passar pela psicanálise, pela questão trans. É muito interessante, realmente dá uma chacoalhada nas maneiras clássicas pelas quais a gente pensa esse órgão que ela chama de "pedrinha no sapato do pensamento".
Eu percebi pela leitura que o meu corpo estava vibrando de um lugar no qual ele tava precisando muito mais ser alimentado por uma leitura que vem de fora, do que eu propor escrever alguma coisa. Pode-se chamar de feminino, mas acho que é pouco dizer isso. O texto apresenta para a gente o nosso corpo próprio, se estivermos à altura da sensibilidade para fazer esse tipo de abertura para letra, da letra, na letra.

Autor: Alexei Conte Indursky; Gerson Smiech Pinho; Correio APPOA

[1] Evento ‘Os outros do sexual: gênero e autorização em psicanálise’, que ocorreu no dia 08/12/2023, online. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=W5kvZFen-RA

[2] Das fórmulas ao nome: bases para uma teoria da sexuação em Lacan (versão original). Universidade de São Paulo (USP), 2017. A tese transformou-se no livro chamado “O ser sexual e seus outros: gênero, autorização e nomeação em Lacan (Editora Blucher, 2022).

[3] Referência ao texto ‘Proposição de 09 de outubro de 1967 – sobre o psicanalista da escola (Jacques Lacan).